

**EDUCAÇÃO LIBERTADORA NO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR-BA:  
AS HISTÓRIAS DE VIDA ENTRELAÇADAS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ACERVO  
DA LAJE. A CO-FUNDADORA: VILMA SANTOS E AS ARTISTAS E PROFISSIONAIS  
QUE COLABORAM COM O MUSEU-CASA-ESCOLA<sup>1</sup>**

*Andreane Pereira Moreira<sup>2</sup>*

*Luciano Costa Santos<sup>3</sup>*

**RESUMO:** Este texto se apresenta como um recorte da dissertação de mestrado a partir dos achados do campo empírico. O Acervo da Laje localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador-Ba, se apresenta como um espaço onde se vive de maneira plena e sistemática a educação a partir das próprias experiências de vida de cada sujeito que circula por seus espaços e atividades. Como recorte dessa experiência educativa inovadora, proponho a análise das narrativas das mulheres que a compôs. A pesquisa que resultou neste trabalho é de cunho qualitativo, com abordagem teórico-metodológica fenomenológica, de caráter exploratório.

**Palavras chave:** Educação Libertadora; Narrativa de mulheres; Experiência.

**LIBERATING EDUCATION IN THE RAILWAY SUBURB OF SALVADOR-BA: LIFE  
STORIES INTERTWINED FROM THE EXPERIENCE OF THE LAJE COLLECTION. THE CO-  
FOUNDER: VILMA SANTOS AND THE ARTISTS AND PROFESSIONALS WHO  
COLLABORATE WITH THE MUSEU-CASA-ESCOLA**

**SUMMARY:** This text is presented as an excerpt from the master's dissertation based on the findings of the empirical field. The Acervo da Laje located in the Subúrbio Ferroviário de Salvador-Ba, presents itself as a space where education is fully and systematically lived based on the life experiences of each subject that circulates through its spaces and activities. As part of this innovative educational experience, I propose the analysis of the narratives of the women who composed it. The research that resulted in this work is of a qualitative nature, with a phenomenological theoretical-methodological approach, of an exploratory nature.

**Keywords:** Liberating Education; Women's narrative; Experience.

## **Introdução**

O Acervo da Laje se apresenta como um espaço onde se vive de maneira plena e sistemática a educação a partir das próprias experiências de vida de cada sujeito que circula por

<sup>1</sup> Esse artigo apresenta um recorte da dissertação de mestrado de Andreane Pereira Moreira intitulada: A morada da beleza: Educação Popular, estética e libertação a partir do Acervo da Laje. (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Campus I. 2020.

<sup>2</sup> Assistente Social - IUNI Educacional - UNIME Salvador (2013); Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (2020).

<sup>3</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (1990), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007), com estágio doutoral no Institut Catholique de Paris-Université de Poitiers (2005).

seus espaços e atividades. O Subúrbio Ferroviário de Salvador, (SFS), região comumente identificada, na grande mídia, como lócus de pobreza, violência e ausências de significados sócio-político e culturais, mostram-se como território com um carácter imensurável de pujante beleza e criação. A experiência do professor José Eduardo Ferreira Santos, como morador e intelectual oriundo deste local, em muito tem contribuído para demonstrar que a mudança de realidades é possível, bastando para isso investimentos em educação que, de fato, dialogue com as experiências de um povo e de um lugar.

A proposta que mantém a partir das atividades desenvolvidas na casa-escola-museu, tem contribuído no sentido de mostrar que o diálogo necessário entre cultura, arte e educação, não possui como detentor apenas a classe mais abastada da sociedade, e que este pode, sim, favorecer o aprofundamento da nossa humanidade.

Como recorte dessa experiência educativa inovadora, proponho a análise das narrativas das mulheres que a compõem. A experiência tradicional é calcada na comunidade, no coletivo, ou seja, é vivência transformada em sabedoria, inserida em uma história que é transmitida por meio da palavra de pai para filho, de um trabalhador para o aprendiz, de um rapsodo para várias pessoas, etc. Em *O contador de histórias*, um “desdobramento” de *Experiência e pobreza*, Benjamin demonstra que a narração é equivalente à “contação” de histórias, determinado como elemento sociológico e cultural, importando nelas a experiência que é transmitida e não a história em si, justamente porque o contador de histórias é visto como pertencente “à estirpe dos mestres e sábios” (MORAES, 2017, apud BENJAMIN, 2013, p. 177). [...] orientação para assuntos de natureza prática [que] é um traço característicos de muitos contadores de histórias natos. [...] Esta utilidade tanto pode estar presente num princípio moral como numa indicação de ordem prática ou num provérbio, numa regra de vida – em qualquer caso, o contador de história é um homem que sabe dar conselhos aos seus ouvintes [...]. O conselho, entretecido na matéria de uma vida vivida, é sabedoria. [...] (BENJAMIN, 2013, p. 151).

### **Narrativa de vida de Vilma Santos fundadora do Museu-Casa-Escola**

Inicialmente delimiti 5 (cinco) mulheres, são elas: Vilma Santos, a co-fundadora; as artistas e profissionais que colaboram com o Acervo da Laje: Caroline Silva Souza, Camila Souza, Daniele Rodrigues e Carla Maria Souza Leal. E assim, Vilma Santos, conta inicialmente a sua história:

## VARIA

*Logo no início, quando voltei a estudar, porque eu ficava em casa por conta da doença, a minha mãe trabalhava numa casa e a dona colocou uma escolinha, como estava no início, minha mãe ajudava, cuidava dos dois filhos dela, E minha irmã do meio, Sueli e o mais velho João Lázaro, foram estudar lá. Eu ficava em casa porque eu não andava, minha madrinha tomava conta de mim, os vizinhos também olhavam. Ela sempre me orientou: “você é minha filha mais velha, eu preciso trabalhar enquanto seu pai não volta de viagem, se precisar de alguma coisa chame alguém”. O diagnóstico foi de febre reumática, tinha que ser acompanhada a vida toda, por reumatologistas, clínicos e neurologistas, pois sentia muitas dores. O médico sempre dizia: D. Tonha sua filha não vai aguentar! E ela fazia multimistura, porque naquele tempo ela trabalhava em um convento, então foi ela que foi junto com os médicos... A minha comida não era mastigável, eu não tinha dente. Quando eu fiz 3 anos, meus dentes caíram, por conta da doença e dos medicamentos que eram muito fortes, então era tudo passado no liquidificador. Nasceu meus dentes e sempre doía, doía, doía, eu perdi... Com 24 anos, eu já não tinha dentes quase nenhum. Porque tudo isso era por causa da doença, muito remédio. Meu cabelo tá crescendo agora. Quando comecei a andar já estava com 9 anos.... quem me alfabetizou foi minha irmã do meio, ela trazia as cartilhas do que ela aprendia, e me ensinava. Eu via meus irmãos e primos indo à escola e eu ficava.... Quando eu fui pra a primeira série, primeiro teve uma dificuldade para me matricular, porque eu já tinha 10 anos, e na sala os meninos eram todos mais novos e maiores, tanto que na hora do recreio, tinha uma moça que me pegava, porque eu andava devagar, não podia andar muito. Eu me desenvolvi mais na escola com 14 anos, porque a minha sala era acima de uma escada, e eu comecei a descobrir as coisas, a vida, porque antes tudo era com minha mãe.... Nessa época eu já vinha para casa sozinha. Eu era canhota, mas eu já sabia escrever e minha letra era bonita, porque minha mãe comprava as caligrafias, na escola meu braço esquerdo era amarrado para eu escrever com a mão direita... eu chorava, eu não contava a minha mãe isso... (Vilma Santos, 2019).*

À medida que Vilma, através de suas narrativas, me faz adentrar em seu mundo da vida, se desenha para mim a potência daquele local. De início, conta sua trajetória como uma menina com saúde frágil, fato que a impossibilitou de ser alfabetizada na escola em tempo regular. Devido às fortes dores e ao enfraquecimento dos ossos, a menina Vilma Santos andou muito tardiamente e, quando o fez, eram recorrentes as quedas, o que a deixava ainda mais fragilizada. Filha de uma mulher aguerrida e cuidadosa, D. Antônia. Mesmo sem saber ler nem escrever, a mãe a entendeu e estimulou acerca do valor da aprendizagem formal, e, de alguma maneira, possibilitou que Vilma tivesse acesso ao mundo das letras. Ela é a segunda de quatro irmãos por parte de mãe, o que a colocava frequentemente em situações de embaraço pelo estigma fortemente arraigado naquele tempo.

*Quando a gente ia assistir televisão, porque naquela época nem todo mundo tinha, aí a gente tinha que ficar do lado de fora na janela, a gente não podia entrar, porque nosso pai, tinha uma outra família, e eu e meus irmãos, eramos bastardos, não podia entrar na casa das outras famílias... (Vilma Santos, 2019).*

Aliado às dificuldades que permearam a vida da menina Vilma, existiam (também) os tratamentos médicos a que Vilma era constantemente submetida, e estes foram resultando em melhorias na sua condição de saúde. Quando completou 10 anos, finalmente já conseguia ir à escola com a ajuda de seu irmão, que a levava nos ombros. A doença não a paralisou, a vontade, a coragem a projetaram. Ela sabia a potência que havia em seu interior, apesar do corpo franzino e adoecido.

[...] Essa vontade-de-viver contra todas as adversidades, a dor, e a eminente morte se transforma em uma infinita fonte de criação do novo. Aquele que nada tem a perder é o único absolutamente livre diante do futuro. A vontade dos sujeitos singulares, no povo, volta a adquirir o ethos da valentia, do arrojo, da criatividade. A primeira determinação do poder (como potencia), é à vontade [...] (DUSSEL, 2006, p.97).

Na história de Vilma Santos, há um soprar de vida que me remete ao conceito de “povo”, explanado por Dussel (2006), quando afirma que este, da dificuldade, faz brotar a esperança, que se transforma em coragem, apresentando-se como categoria complexa e altamente política. Dussel, descrevendo o discurso de Fidel Castro, ressalta a força contida em um povo que anseia por transformações, desejoso de luta e cheio de esperança; por ser povo, que sofre por tanto tempo e resiste a tantas desgraças, é capaz de lutar com toda a coragem. Entendemos que a luta de Vilma possui um cariz de afeto, pautado na arte e no cuidado, e essas características são a mola propulsora para o crescimento e manutenção do museu suburbano.

Sempre interessada e líder nata, ela projetou-se até finalmente chegar ao magistério, tornando-se professora, inclusive reconhecida na região do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Apesar de sua dedicação como educadora, Vilma, também pela sua condição de mulher negra, concomitantemente desenvolveu outras atividades laborais, inclusive antes, durante e depois de sua formação. Para que pudesse fazer um curso de datilografia, ela precisava desdobrar-se em outras atividades, como: cuidar de crianças, de idosos ou como diarista em casa de solteiros; tudo isso, enquanto terminava seu curso normal no turno noturno e realizava o estágio curricular obrigatório. E essa luta é traduzida e ressignificada por Vilma Santos, idealizadora do Acervo da Laje, falando atualmente sobre sua atuação como educadora com as crianças do bairro:

*Geralmente a história só fala somente, sobre aquelas que é... Falam de Maria Quitéria, da Princesa Isabel, só daquelas mais históricas, mas não falam de outras mulheres, Dandara por exemplo, e outras mulheres negras e lutadoras. Então eu resolvi, porque não fazer para eles leituras diferentes? Cada dia da semana, nós lemos histórias dessas mulheres lutadoras que não estão nos livros didáticos... Eles (as crianças), tem opinião, tem respostas, tem perguntas e discussões. O ensino regular não procura outras formas de*

## VARIA

*mostrar a história. Eu fui no Goethe, era uma mesa, uma discussão para falar sobre mulheres negras, tinha um presidente da organização de outro país, várias pessoas, agora sabe quem estava compondo a mesa para falar de mulheres negras? Não tinha uma mulher negra! Convidaram pessoas de diversos movimentos ligados a questão da violência contra a mulher, mas no mais... só pessoas brancas! Ai eu observei isso tudo: Quem estava servindo, quem preparou os alimentos?... As mulheres negras?! (Vilma Santos, 2019).*

Ao longo de sua vida, Vilma sempre foi identificada pelo seu carácter de acolhimento e cuidado. Fato que possibilitou que ela passasse longos períodos cuidando de uma idosa que morava nas imediações de sua residência. Quando esta se mudou para a região metropolitana, sua família, na figura dos filhos, a convenceu a acompanhá-la. Essa situação perdurou por longos anos. A companhia e os afazeres domésticos que Vilma prestava eram tidos, por parte daquela família, como algo de “alguém praticamente da família”, o que não lhe rendia salário.

Com o passar do tempo, Vilma Santos foi despertando para essa situação análoga ao trabalho escravo, e começou a refletir acerca de uma saída para aquela situação. Fato que não foi compreendido de imediato pela família empregadora. Ao ponto de, tendo sido taxada continuamente de ingrata, Vilma Santos resolver conversar com o padre da Paróquia que frequentava, pois estava em conflito sobre se estaria mesmo agindo com ingratidão. Ou seja, havia uma marca de violência na relação ora prestes a finalizar: “[...] quando os oprimidos e excluídos tomam consciência de sua situação, tornam-se dissidentes[...].” (DUSSEL, 2006 p. 99).

Davis (2016) versa acerca da marca que permanece, de modo perene, sobre as pessoas negras, mesmo após a extinção formal da condição de escravatura imposta aos negros e negras. De fato, o trabalho doméstico se configura como um vestígio contemporâneo da escravidão, que insiste em continuar. Verifica-se que a libertação, de fato, não se concretizou simultaneamente, e aquelas mulheres não estavam à espera de um milagre instantâneo. Havia nelas a consciência da necessidade de possuir terras e o desejo imperioso pelo conhecimento que as libertaria das amarras que as (os) imobilizaram durante um longo período.

Com frequência, os poderes mistificadores do racismo emanam de sua lógica irracional e confusa. De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação. (DAVIS, 2016, s/p).

Percebe-se, na vida de Vilma Santos marcada por entraves diversos, que, mesmo com tantas dificuldades, ela não desistiu, não sucumbiu diante das dificuldades. No retorno de Vilma ao SFS, ocorre o reencontro com o professor José Eduardo Ferreira Santos. Eles se conheciam desde a juventude, mas os caminhos percorridos por cada um tomaram rumos diferentes. Nesse (Re) início, ela atua mais uma vez com uma força sobre humana e, passando por cima de suas dores, se apresenta como o ponto de equilíbrio em uma fase extremamente difícil na vida do professor José Eduardo.

As histórias de vida de Vilma Santos e José Eduardo, se entrelaçam completamente a partir desse evento. Ambos sonhavam com a cultura sendo compartilhada, com a possibilidade de um dia terem inclusive sua casa própria, já que ambos moravam com seus pais/mãe. A partir do incentivo e cuidado de Vilma, a vida deles toma novo sentido a partir do Acervo da Laje, e hoje eles compartilham: a vida, o cuidado, a cultura, a beleza, as obras de arte, a educação, a emoção, a vivência, o alimento, as conversas, os risos, os choros.

As vontades dos membros de uma comunidade, quando separadas individualmente, podem dispersar-se, se cada uma parte em busca de interesses privados; agindo-se dessa maneira, a potência de um anularia a do outro. Porém, quando as vontades juntam seus objetivos, seus propósitos, suas finalidades estratégicas, alcançam uma vontade de viver comum, atingindo assim uma maior potência. (DUSSEL, 2006).

Hoje, Vilma nos relata um tempo em que a chegada das pessoas ao Acervo da Laje, era com o intuito apenas de falar com o professor José Eduardo, e como, por diversas vezes, sua presença era associada a alguém que cuidava do Acervo da Laje, na condição de empregada. O fato de não ter acessado a faculdade era fator de discriminação, cabendo-lhe se impor e, levantando sua cabeça, projetar-se nesse espaço em que colaborou e do qual, até hoje, é sustentáculo para que se mantenha.

Vilma percebe-se pessoa em desenvolvimento, mas também como potência; utiliza, inclusive, essa palavra para se auto nominar. Entende as dificuldades e desafios como pontos importantes para seu constante aprimoramento. É visível sua realização através do encontro com a vida e com as pessoas. Entende-se como fonte de acolhimento, cuidado e afeto, se dispondo inclusive a mediar conflitos que comumente surgem no trato com pessoas.

O Acervo da Laje já conquistou o mundo, vêm pessoas de todo lugar. O que Vilma visualiza e espera para o futuro, é que se manifestem sucessores que possam lutar pela causa da cultura suburbana através da estética, educação e arte, com o mesmo afincamento e amor com que ela

se dedica. Na área do entorno, existem pessoas que lutam também, mas cada uma pela sua causa:

*Essas causas não deviam se unir? Devia ser um objetivo só, ou as ideias de todos se cruzassem por um bem comum, eu não tenho nem palavras... Queria que como preparo os meninos que saem daqui, e chegam lá fora e sabem resolver suas questões. Queria pessoas assim comigo, que saíssem a partir dessa formação e trabalho, queria também pessoas que me ajudassem mais, não só que chegassem aqui e que trouxessem coisas a serem feitas, mas que lutassem junto comigo, porque por mais que eu trabalhe, eu ainda me sinto só, em termos, porque é muito trabalho, tenho a família de Eduardo que está rente comigo agora, que está entendendo, mas ainda nisso tudo, a luta é grande e precisa de mais pessoas. (Vilma, 2019).*

Vilma dispõe acerca da necessidade de conservação e multiplicação, a longo prazo, das ações desenvolvidas no Acervo da Laje, referindo-se às pessoas da comunidade, outras de fora também. Seu principal objetivo e esperança é a construção, multiplicação da educação, beleza e cuidados de forma coletiva, a união de esforços em prol de um bem comum. As intervenções relacionadas ao Acervo da Laje, das quais Vilma Santos participa amplamente, desde as reuniões até os planejamentos e execuções, têm redundado em sua saída de uma condição submissa, do não lugar que, por muito tempo, havia sido atribuído a ela, e que não lhe cabe mais. Vilma é gigante, é sublime, é força amorosa que irradia e envolve os que circulam e compartilham a vida neste espaço de fruição, que é a Casa-Escola-Museu.

Essa força contida na narrativa de Vilma Santos, traduzida pela sua coragem à frente de um projeto como o Acervo da Laje, que não toca em interesses mercadológicos atualmente hegemônicos, e que tem se apresentado como reduto de força, resistência, beleza e quiçá horizonte de vida possível.

### **O Acervo da Laje por Caroline Silva Souza**

No dia quatro de abril de dois mil e dezenove, após algumas conversas para marcarmos esse encontro via rede social, tive o prazer de encontrar-me com Caroline Silva Souza, nas dependências do Acervo da Laje. Uma jovem negra, de aspecto tímido à primeira vista, mas dotada de uma forte consciência crítica de seu lugar como moradora do SFS, sendo graduada em artes e, atualmente, realiza a segunda graduação como estudante de arquitetura na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Caroline relata acerca de seu primeiro contato e aproximação com o Acervo da Laje, no ano de 2014, último ano da graduação em artes, quando foi selecionada após ter participado de

um curso de mediadores culturais para a terceira Bienal da Bahia. O espaço do Acervo da Laje estava incluído neste roteiro. Como era moradora do Subúrbio, a organização do Museu de Arte Moderna, o MAM, considerou apropriado que seu trabalho fosse desenvolvido no próprio local de residência, devido à questão de mobilidade. O conhecimento que tinha do Acervo da Laje se devia a algumas leituras superficiais realizadas sobre o espaço. Até esse momento, não havia, de fato, aproximação com esse lócus.

Quando encontra José Eduardo e a Casa 1<sup>4</sup>, ficou animada com a quantidade de arte que viu, e queria espalhar para todos, aquela novidade. Eram três jovens que estavam responsáveis pelo espaço: duas na mediação (uma no turno da manhã, outra no turno da tarde) e uma como guarda do museu (que assumia um horário intermediário).

O início foi marcado por forte apreensão, devido ao fato de o MAM não ter disponibilizado totens de localização. Se ela, como moradora local, teve um pouco de dificuldade em encontrar, imagine-se quem não circula pelo SFS.

*Tem gente que não sabe nem que Plataforma existe, você fala na faculdade: Plataforma, a pessoa fica assim olhando pra sua cara, aí não pergunta, com medo de te ofender, mas a real o povo não sabe, Vista Alegre, Plataforma, Periperi, o povo nem sempre conhece, aí eu falei, pronto o povo não vai saber como é que chega, e não teve abertura, achei que ia ter abertura, lembro até hoje, foi uma quarta-feira que a gente começou a trabalhar e eu fiquei sozinha, eu e Lilian. (Caroline, 2019).*

Relata ainda acerca dos questionamentos surgidos a partir desses fatos, pois havia feito um curso que a preparou para este momento e se viram sem expectativa de fazer circular esse conhecimento, devido à inexistência de público neste primeiro dia. Não aparecia nem visitantes,

---

<sup>4</sup> . O Acervo da Laje dispõe de dois espaços, denominados Casas 1 e 2. A Casa 1 está localizada na Rua Nova Esperança, nº 34; a Casa 2 está localizada na Rua Sá de Oliveira, nº 24, em São João do Cabrito. Esta, a princípio, é a residência da família de José Eduardo, anteriormente, uma típica casa de periferia, com telhado em Eternit. Quando Eduardo, no ano 2000 começa a trabalhar constrói a laje, com a finalidade de obter uma certa privacidade. Começa então, a coletar e organizar livros, discos e as obras de arte produzidas pelo povo suburbano no espaço sobre a laje, donde vem o nome do projeto. O Acervo da Laje e sua Casa 1, está mais direcionada como espaço museal e expositivo. O projeto envolve, a princípio, a família de José Eduardo Ferreira Santos, principalmente a figura de seu pai, o Sr. José, um dos principais incentivadores da fundação dessa obra de caráter cultural, ao ponto de as primeiras obras de arte que fazem parte do Acervo, serem e continuarem a ser alocadas na Casa 1, ou seja, na laje da casa do próprio senhor José. (O Sr. José Santos, nasceu em 13/10/1951, filho de Maria Inez da Conceição, vindo a falecer em junho de 2018. Deixou seu legado de sabedoria sob os cuidados de seu filho José Eduardo Ferreira Santos, e de sua nora Vilma Santos). Além das obras de arte, o Acervo coleciona e guarda memórias através de vários outros artefatos, como: conchas, vidrilhos, cerâmicas, entre outros, que contam de maneira espetacular a história do Subúrbio desde seu apogeu. Tanto a Casa 1, como a Casa 2, são de fato residências, domicílios e também escolas, onde se ensina e se aprende; e museu, com a magnitude de obras em exposição, e que não há mais como a sociedade hegemônica duvidar ou querer esconder.



nem representantes do MAM ou da Bienal. Dessa forma, explicitava-se como a população suburbana é preterida de variadas formas e em muitos espaços:

[...] compreenderemos o racismo institucional, também denominado racismo sistêmico, como mecanismo estrutural que garante a exclusão seletiva dos grupos racialmente subordinados – *negr@s*, indígenas, *cigan@s*, para citar a realidade latino-americana e brasileira da diáspora africana – atuando como alavanca importante da exclusão diferenciada de diferentes *sujeit@s* nestes grupos. Trata-se da forma estratégica como o racismo garante a apropriação dos resultados positivos da produção de riquezas pelos segmentos raciais privilegiados na sociedade, ao mesmo tempo em que ajuda a manter a fragmentação da distribuição destes resultados no seu interior (WERNECK, 2016, p.17).

Assim, como não houve intervenção dos supostos organizadores, o professor José Eduardo se dispôs a oferecer o lanche às jovens que estavam ali trabalhando. A partir daí, perceberam a necessidade de viabilizar esforços a fim de que o espaço fosse de fato visitado. Ela, então, divulga o Acervo nas redes sociais e começa a espalhar às pessoas próximas, pois ficava muito preocupada com o que fazer:

*O que vou fazer aqui? Não vou poder falar às pessoas o que estudei, nem nada, e achava realmente uma perda, pois era um espaço cultural, muito legal e o povo não conhecia, aí eu comecei a espalhar e Lilian também e Camila, e falei com uma tia minha que era professora, para que ela levasse os alunos e aí começou as pessoas foram...e o que mais encheu a primeira vez foi uma vizinha de Eduardo mesmo, que soube que tava tendo a Bienal e aí ela falou com o povo da rua e apareceu muita gente[...].(Caroline, 2019).*

Depois dessa intervenção, não faltaram mais visitantes; as pessoas iam, visitavam e ficavam encantadas pelo Acervo, pois este, antes da exposição, estava funcionando apenas como espaço de pesquisa, não existia ainda essa amplitude de visitação que se deu, de fato, a partir da Bienal. Desde então, as visitas se tornaram frequentes, e chegavam a atender em um turno por volta de 30 crianças, excetuando-se os adultos.

Embora tivessem sido preparadas para informar acerca da história da arte, sobre as técnicas utilizadas em determinadas obras e sobre os artistas, em tempo, as mediadoras compreenderam que esses conhecimentos de cima para baixo não iriam fluir naquele espaço. O trabalho desenvolvido foi denominado “mediação criativa”, de forma a ser aplicado no dia a dia, de modo a se perceber os interesses e, dessa maneira buscar a interação com os moradores locais.

## VARIA

*A gente recebia muita, mas muita criança mesmo, tinha umas que já eram fixas, todos os dias elas estavam lá por várias razões, porque não tinha lugar melhor para ficar, tinha uma que o pai bebia e aí o lugar que ela tinha pra fugir era lá, entendeu? E aí ficava lá, dois processos que eu achei interessante: primeiro foi o desenho, a forma de expressar, as crianças desenhavam e com o passar do tempo eu achei que os desenhos foram melhorando, e também delas começarem a entender do que se tratava o Acervo. Por exemplo, no Acervo tem muito da cultura africana, tem as máscaras e tal, no começo tinha muita criança que era de família de origem evangélica, elas iam pro Acervo porque achavam divertido, mas tinham medo das máscaras, achavam que era coisa do diabo, que é a leitura lá da religião evangélica, e eu ficava: “Pô, o que vou fazer? Eu não posso desvalorizar a visão da família, mas também não posso...” Aí começamos a conversar eu e as meninas e dizíamos a elas que elas não precisavam ser do candomblé, bastava respeitar[...] Com o tempo, elas foram respeitando mais, eu percebi isso, tanto que no fim da Bienal, eu lembro que alguma criança que chegou nova, falou alguma coisa da máscara, e uma das crianças que ficavam com a gente sempre falou assim: “Isso aí é cultural”, e foi mudando muito o comportamento, quando chegava uma criança ou outras pessoas, elas mediavam, elas aprenderam o meu discurso, e com as crianças elas diziam: “Não mexam aí não”, elas começaram a cuidar do Acervo, começou a gerar ali um certo afeto. (Caroline, 2019).*

Outro fator de suma importância: a então mediadora, alude ao fato de os visitantes reconhecerem seu próprio espaço. Os museus do centro da cidade, principalmente os mais elitizados, geram um certo receio, pois normalmente as pessoas da periferia não circulam por estes espaços, devido à barreira de desigualdade tangível que separa a sociedade por territórios e classes. Já no Acervo da Laje, a própria estrutura deixava as pessoas mais à vontade. A partir dessa iniciativa se localizou muitos artistas suburbanos, cujas histórias mesclavam suas histórias de vida à arte contemplada.

Fato especialmente marcante foi a experiência de uma mulher que, avistando uma obra na qual se retratavam as antigas palafitas, relatou que vivia pedindo a Deus a oportunidade de ter uma casa na terra firme, tendo sido extremamente emocionante e confirmado que aquela metodologia adotada foi a melhor maneira de conduzir, de uma forma em que todos podiam falar. Seria, de fato, impossível desenvolver o trabalho proposto com o conhecimento trazido da universidade, com muita influência europeia, pois a arte estudada nas instituições de ensino, mesmo quando falam de África e de outras realidades, é sempre sob a perspectiva hegemônica, dominante, colonialista.

Diante dessa perspectiva, o Acervo da Laje pode ser visto como um lugar de memória que, inserido na contemporaneidade, escapa da história, uma vez que é constituído de lembranças vivas representadas por objetos e significados que não estão fisicamente nas obras, mas nas lembranças que são remetidas quando essas são contempladas; um lugar híbrido em sua essência e atemporal

em seu formato porque simboliza um lugar de memória coletiva, que promove o reencontro com o sentimento de pertencimento. É ainda um lugar de memória porque não se reduz a um objeto material, é antes um lugar que libera a significação simbólica, memorial, abstrata dos objetos – que são materiais – mas na maioria das vezes não o são [...]. (OLIVEIRA, 2014, p. 52,53).

Foi clara a percepção de como as pessoas se identificavam e se sentiam representadas nas obras, no local, e aí está de fato a função da arte, sendo extremamente rica a troca de experiências. Ao final, se percebem os ardis da exclusão, e como o subúrbio e o que é produzido em seu entorno é invisibilizado, a partir de um intencional apagamento, ter no Acervo da Laje esse espaço que reúne obras e artefatos que contam a história desse povo e desse local, é imensuravelmente valioso.

Portanto, falar do espaço que habita, inclusive como forma de enfrentamento ao apagamento sofrido pela comunidade suburbana, se apresenta como expressão da necessidade de criar raízes, pois, historicamente, essa população foi condicionada a ver-se como inferior, e o Acervo da Laje se apresenta como provocador de reflexões de que esse é um território de valor, belezas, positivo e construtivo.

### **Acervo da Laje por Camila Souza**

Camila Souza, conhecida como Mila, conheceu primeiramente José Eduardo e Vilma nas reuniões do Fórum de Arte e Cultura do Subúrbio, em 2012. Ouvia muito falar acerca do Acervo da Laje, e, mesmo já tendo certa aproximação com seus idealizadores, ainda não conhecia, não tinha dimensão do projeto, só chegou a conhecer o espaço físico do Acervo em 2014, na Bienal. Durante o curso de mediação para o trabalho na exposição, quando chegou ao seu término Camila foi contratada para trabalhar, tendo sido arguida se gostaria de realizar a mediação no subúrbio.

Foi quando, nesse trabalho, conheceu o museu-casa-escola. Relata ter sido um tempo tão bom que, até hoje, sente saudades. Foi muito importante porque, até aquele momento, o Acervo era mais um espaço de pesquisas do que propriamente de visitação. A partir da Bienal, as portas realmente se abrem para a visitação do público. As visitas eram realizadas as segundas, quartas, sextas, sábados e domingos.

Recorda que as crianças das imediações da Casa 1, quando da descoberta do Acervo da Laje, encantaram-se pelo fato de nunca terem ido ao museu, a uma galeria, não possuíam acesso a obras de arte hegemonicamente reconhecida. Então, quando chegam naquele espaço, onde, além da experiência nova, elas podiam ter contato com as obras, no início havia a preocupação

da mediadora, quanto à possibilidade de quebra dos objetos, devido ao número de crianças que visitavam o espaço. A surpresa das crianças foi algo tão valioso, ao ponto delas mesmas começarem a cuidar do Acervo:

*Eles cuidavam mais do que a gente até, era um espaço de visitação, mas as crianças da rua não queriam apenas visitar, elas queriam ficar lá com a gente... rrsrsr, então as que estudavam à tarde, passavam a manhã inteira, as que estudavam pela manhã, ficavam a tarde inteira por lá, [...] começava pra eles a ser um espaço, mais do que de arte, de conhecimento, começou a ser também um espaço de lazer[...]. Então começamos a inventar.... Dizíamos, vamos fazer desenhos de observação, vocês olham uma obra e reproduzem, outra vez, vamos fazer cartinhas, escrevam o que vocês acham do Acervo, como foi a experiência de conhecer, como é para vocês estarem aqui... tanto que até hoje Eduardo tem essas cartinhas guardadas, fazíamos também leituras, cada um escolhia um livro e a gente fazia uma tarde de leitura... (Camila, 2019).*

O Acervo da Laje foi o espaço privado mais visitado durante a Bienal, também o que realizou oficinas e bate-papo por conta própria. Após ser inicialmente rejeitado, estes últimos foram apropriados pela programação da Bienal, por terem sido realizados com sucesso. A mediação consistia em receber as pessoas, falar sobre os espaços, falar quem era o idealizador e sobre as obras. Foi-se percebendo que, naquele território, não tinha como ser apenas isso, a partir do momento em que se veem crianças descobrindo um novo mundo dentro de sua própria comunidade. Foi algo incrível para Camila, pelo fato de ter nascido e se criado em Plataforma/SFS, e não ter tido essa experiência de um lugar como o Acervo da Laje, para ser iniciada nas artes.

Então, percebe-se o Acervo da Laje, dentro do subúrbio, possibilitando que a população cada vez mais jovem, tenha acesso à arte, que é um trabalho que deveria ser do poder público, mas não é isso que ocorre. Desse modo, são os próprios moradores que, engajados nessa luta e resistência, se negam a contribuir com o apagamento da história suburbana, seja através da invisibilização de um povo e um território, ou através da divulgação de histórias de medo e violência, apenas.

É preciso levar muito a sério a categoria *povo*, que não é simplesmente o oprimido, como também não é a totalidade do sistema, mas a essência do povo [...]. O povo num certo nível está *fora* do sistema, está no futuro; ao estar no futuro, já é *homem novo*. O homem novo é o homem oprimido, mas não enquanto *alienado*, mas enquanto *exterior* ao sistema, sabendo que tem outras tradições, outra língua, outra cultura, mas que é considerada pela “cultura ilustrada”, como incultura, como analfabetismo, como não-palavra; porque a cultura ilustrada não tem ouvidos para ouvir, e por isso, então, crê que o Outro guarda silêncio. Mas não, não está silencioso. [...] Porque se é verdade que o

oprimido não domina uma grande quantidade de categorias econômicas e políticas do *sistema*, tem *outras* categorias que o sistema não tem, que são o “ponto de apoio” da libertação. (DUSSEL, 1977 p. 269, 270, grifos do autor).

Percebem-se as estratégias de combate à tentativa de apagamento sofrida pelo povo morador do Subúrbio Ferroviário, porém a importância do Acervo da Laje, como locus de materialidade sobressai especialmente nas atividades desenvolvidas junto aos seus pares. A arte, da forma como é mostrada nas artes plásticas, como coisa perfeita, elaborada minuciosamente, dá a sensação de impossibilidade de ser produzida. Assim, um quantitativo imenso com potencial não produz arte, porque não se encontra incentivo, motivação; acredita no Acervo da Laje como locus de referência, quando se diz:

*Olha esse artista aqui, ele é de Fazenda Coutos, esse é de Periperi, esse é daqui de Plataforma, então a gente passa a ter referências de artistas locais, esta é só mais uma das diversas importâncias do Acervo da Laje. E para além disso, a gente ter referências de outras mulheres também[...] A arte possibilita uma outra perspectiva de vida, possibilita outras referências, que produzem de nós, sobre nós, a partir de nosso próprio olhar, são os nossos falando da gente, e não mais os outros falando de nós, é uma outra referência do que eu posso almejar ser. (Camila, 2019).*

Camila pontua a falha dos poderes públicos, no sentido de não valorizar essas formas de vivência dos moradores de periferia, e justamente cada um desses que resiste, vai procurando formas de burlar esse sistema, essa estrutura. Neste sentido, Paulo Freire (2010, p.65) concebe a amplitude da cultura popular em promover “estratégias de resistências”, que se apresentam como formas de auxílio que objetivam escapar das malhas da invisibilização. Paulo Freire preconiza uma “ação cultural através da qual se enfrenta, culturalmente, a cultura dominante”.

O Acervo da Laje como casa-escola-museu, mostra-se como um espaço afirmativo, expositivo, criativo, espaço de afeto, de acesso, de formação, de iniciação à arte e cultura, de valorização das belezas e histórias produzidas por um povo no seu próprio lugar. Uma expressão em arte seja pintura, escultura, peça, entre outras, carrega milhões de histórias, as quais nunca iremos dominar em sua totalidade, pois os significados são subjetivos, e o que é mais importante é expressar esses incômodos, possibilitando transformação; a arte, em todas as suas dimensões e linguagens, tem esse sentido educativo.

### **Acervo da Laje por Carla Maria Souza Leal**

Apresento agora a descrição da narrativa de Carla Maria Souza Leal. Uma mulher, filha, esposa, mãe, dona de casa, moradora também do SFS, que possui uma aproximação efetiva

com o espaço, pois participa ativamente das atividades desenvolvidas no Acervo da Laje e estimula seus filhos, que ainda são crianças pequenas, a também estarem envolvidos no espaço. Eu sugeri a Carla, que ela procurasse identificar o que é o Acervo da Laje, que nos informasse acerca do espaço e de seus idealizadores, como e quando se deu esse encontro, e que me dissesse também sobre o surgimento e importância atribuída ao local.

*Eu conheço Eduardo desde criança, a gente participava da Igreja Católica, frequentávamos a catequese, fizemos a primeira comunhão, o grupo de jovens, o coral para animar as missas, e Vilma veio um pouco depois, mas ela também fazia parte desse mesmo grupo. Na adolescência, o quarto dele já era uma biblioteca, de jornais, livros, revistas, fotos, imagens, e tinha uma máquina de datilografia, que 'Duda' usava para escrever os artigos, escrever os relatos, histórias de algumas pessoas da comunidade, resumo dos encontros e reuniões com amigos... então essa máquina de datilografia ele usava demais, então nessa época, ele até começou a fazer um estudo sobre o samba, eu acho que essa vontade de montar um espaço onde ele pudesse organizar todo esse material histórico sempre existiu.*

Com o passar do tempo, o distanciamento provocado pelas ocupações da idade adulta ocorre, mas não a ponto de destituir os laços que os uniu. E o retorno se dá justamente por ocasião da criação do espaço Casa-Museu-Escola. Sobre o Acervo da Laje, Carla descreve deste modo, destacando a diversidade de obras e artistas locais ao ponto que reitera, conceituando o espaço como um lugar acolhedor que funciona também como abrigo e memorial de um povo e um lugar. Ela descreve de maneira sistemática e com elevação acerca dos tipos de obras que podem ser encontrados:

*O Acervo é um espaço acolhedor, onde temos contato direto com a arte e a beleza, então é um local que você chega e se depara com uma obra, observa, aí vai entrando e vai sendo tomado com uma coleção, uma diversidade incrível, são máscaras, quadros, azulejos, arte em madeira, xilogravura, livros, então é um espaço muito importante, e o mais importante de tudo isso é saber que grande parte do Acervo, são produções de artistas locais, então isso é de uma grandeza que não tem como se questionar. (Carla, 2019).*

Nesse sentido, Santos (2018), versa acerca da necessidade da promoção da arte do encontro. Por considerar que sem o encontro das pessoas com as obras de arte atreladas ao território suburbano com suas memórias, costumes, formas de vivência e linguagens, não há como falar de diversidade cultural. Espaços como o Acervo da Laje, surgem como contraponto ao estabelecido hegemonicamente, provocando de maneira radical a aproximação de um povo que por séculos, lhes foi negado o acesso à cultura, arte e educação como instrumentos balizadores de uma reflexão crítica da realidade, promovendo dessa forma o despertar para a

consciência de “povo para si”. (DUSSEL, 2006). Acerca de sua aproximação com o Acervo da Laje, Carla retoma sua fala descrevendo a inspiração obtida para a construção do Acervo da Laje, indicada pelo professor Gey Espinheira, falecido em 2009.

*Eu já via “Dinho” como colecionador, nós estudávamos longe da escola, e nesse percurso, ele sempre ia catando alguma coisa, recortes de jornais, até borboletinhas caídas no chão... a gente colecionava borboletas mortas, que encontrávamos no caminho, a gente catava, colocava no livro e depois alocava em outro lugar, por isso quando digo que quando Gey Espinheira o provocou, para que ele pudesse falar sobre os aspectos culturais da história do subúrbio, acho que ele só fez completar esse desejo que já tinha nele em relação a isso. Por isso que falo que Gey, só reacendeu esse desejo, não de acumulador, mas de pesquisador. O que faltava naquele contexto era de fato uma oportunidade. (Carla, 2019).*

O aspecto de acolhimento no Museu-Casa-Escola é apresentado por Carla na fala a seguir, quando a entrevistada aponta a mudança de paradigma no Acervo da laje, em relação à associação do território com as artes e não a violência, assim como a importante visibilidade dos artistas locais.

*[...] O Acervo da Laje é muito importante porque é muito fácil associar o subúrbio à violência, e acompanhar o surgimento de um espaço a maioria das obras são de artistas locais, e ver o crescimento e perceber que o Acervo é um espaço cultural, um museu onde as obras podem ser tocadas, onde há o projeto Ocupa Lajes, com rodas de conversas, bate-papos, é você perceber que não está sozinho, então eu vejo o Acervo como um espaço onde a arte local ganha visibilidade, onde podemos associar sim, o subúrbio a arte, o subúrbio à beleza, o subúrbio à esperança, é por estas e outras questões que costumo dizer que sou amante...rsrsr... É, sou amante do Acervo da Laje.*

Percebe-se ao longo dessas narrativas o potencial existente em cada pessoa que por ali circula e de como a experiência a partir do Acervo da Laje, contribui para seu desenvolvimento, tanto pessoal quanto dessa cultura dita suburbana. Esta mesma que se faz compartilhar, que se apresenta recheada de acolhimento, respeito e afeto, e visivelmente transforma, impulsiona nos projetando para o querer “Ser Mais” (FREIRE, 2000). Sendo que, essas se constituem em ações de cunho coletivo, educativo, que privilegiam as vivências, fortalecem os vínculos, em prol de ações de fato libertadoras.

Em suma, é todo um processo de educação popular, que na contramão do exposto e praticado hegemonicamente, parte dos processos existentes a partir das experiências tangíveis desse povo excluído, mas não abatido, e daí se arvoram neste constante movimento. São os mesmos que diariamente lutam e sobrevivem às constantes tentativas de apagamento, de invisibilidade, e por isso mesmo resistem bravamente ao genocídio cultural periférico.

### Acervo da laje por Daniele Rodrigues de Moura

Visando o aprofundamento da pesquisa com as artistas, julguei pertinente incluir a narrativa de Daniele Rodrigues de Moura. Vale ressaltar, que a mesma foi entrevistada alguns meses após as primeiras narrativas das demais mulheres.

Segundo a mesma, quando conheceu José Eduardo e Vilma, a Casa 2<sup>5</sup> ainda não existia. Nesse dia, estava acontecendo a exposição de fotografia, encerrando um ciclo de oficinas realizadas pela professora e artista Marcella Hausen, contando com a participação ativa de outros estudantes. Embora Daniele não tenha acompanhado as oficinas, esteve na exposição, fotografou e fez toda a cobertura fotográfica desse processo. E, desde então, tem colaborado assiduamente nas atividades desenvolvidas no espaço, o que possibilitou também a abertura para uma relação amistosa de carinho e amizade recíprocos com Vilma e José Eduardo. O fator que mais chamou sua atenção foi o quanto as crianças estavam ocupando o Acervo naquele período, porque havia duas instrutoras que acompanhavam as crianças, pessoas muito presentes.

A dimensão ontológica deste lugar que, mais do que um espaço de convivência, educação e arte, tem se tornado refúgio e manifestação profícua de entendimentos plurais a partir de si. No sentido de situar o ser humano como infinidade de sentidos e vivências que são únicos, pessoais, mas que congregam para o gozo da beleza de forma, também, coletiva. O desejo despertado em Daniele, após as primeiras visitas ao Acervo da Laje, a impulsionaram a fazer uma experiência como arte-educadora, na qual realizou um curso de fotografia para crianças e adolescentes moradores do SFS:

*Os encontros para a oficina era todo sábado, e esse período foi que mais me aproximei de José Eduardo e principalmente de Vilma. Eu ia para lá todo fim*

---

<sup>5</sup>. Pensada e vivida como Casa-Museu e Escola a Casa 2 do Acervo da Laje, localizada na nova orla nos fundos da Rua Sá Oliveira, São João do Cabrito, Plataforma, originalmente era a residência da mãe de Vilma Santos. Posteriormente foi projetada pelo arquiteto Federico Calabrese e ampliada em 2015, contando nesta ocasião com térreo e dois andares, com três quartos (dois para visitas), sala ampla para exposições, cursos, aulas e oficinas, biblioteca, dois banheiros, duas cozinhas (uma residencial e outra, mais ampla, comunitária), duas escadas internas e duas varandas (sendo uma delas um solário) com privilegiada vista para a enseada do Cabrito, descortinando a paisagem em frente à ponte férrea São João. A Casa 2 do Acervo da Laje funciona como espaço museal, educacional e de residência porque une em si todas essas funções e realiza atividades que completam a função do Acervo da Laje. Por este motivo a Casa 2 atende às novas exigências de expansão das atividades do Acervo da Laje e suas atividades integradas ao itinerário realizado constantemente entre as duas casas, permitindo uma maior interação com o território, seus moradores e a necessidade de maior permanência das pessoas para dialogar sobre o trabalho realizado, além de ser um lugar de encontros, confraternização, reuniões, diálogos, oficinas e as mais diversas atividades relacionadas às artes, cultura, educação, memória e patrimônio.



## VARIA

*de semana, [...] esse trabalho foi realizado em parceria com o Acervo da Laje e o Centro Cultural de Plataforma. Sendo que quem fez a mobilização, essa parte de fazer o link com a comunidade, pelo fato de eu não ser de lá, foram eles que fizeram, principalmente Vilma. (Daniele, 2019).*

A mobilização e divulgação foram totalmente realizadas pelos idealizadores do Acervo da Laje. Esse processo aconteceu entre final de 2012 e início de 2013. Foram dois meses de curso, e uma oficina em que as crianças e os jovens realmente compareceram, se engajaram nesse propósito. Depois, os envolvidos neste curso, fotografaram, e foi realizada uma exposição na Praia do Alvejado, SFS; além da exposição fotográfica, aconteceu também um outro trabalho, que se deu através de uma parceria com a turma de graduação em Geologia (UFBA), onde eles fizeram uma limpeza da praia e realizaram outras atividades com as crianças.

Daniele pontua também acerca dessa transformação verificada na imagem do Acervo da Laje. Pois, do ponto de vista da comunicação, o Acervo da Laje fez algo que era muito difícil eles conseguiram se fazer reconhecidos em determinados espaços, inclusive midiáticos; já que o Acervo não possui os meios financeiros para arcar com a despesa de uma assessoria de imprensa fixa, que se possa pagar todo mês, para organizar e divulgar os eventos promovidos. São os amigos, os iguais, que conhecem, ficam sabendo, vão colaborando, cada um em sua medida, e isso gera essa grande rede de gratidão.

Dessa forma, se estabelece uma rede de amor, que vai crescendo, e todos que conhecem se envolvem, e não necessariamente ficam restritos ao espaço, seguem seus caminhos, mesmo mantendo os laços e vínculos com as pessoas que por ali circulam. A força relacional que perdura naquele espaço alavancou, de forma a se constituir hoje um espaço reconhecido no mundo das artes, ou seja, alcançou uma notoriedade que já não há como se invisibilizar. No início, o Acervo era um espaço que poucas pessoas conheciam e reconheciam seu valor. Daniele nos expõe acerca do processo de construção da Casa 2:

*Pode parecer rápido, mas não foi, pra quem vai de vez em quando parece que foi rápido, porque todas as vezes que a gente ia lá aparecia algo novo, e isso é muito simbólico também, aquele sobrado sendo construído da mesma forma que os sonhos vão sendo construídos, porque no Acervo 1, não tinha como ter oficinas, dessa forma mais ampla, bate-papos e tal, então a construção dessa casa física foi também a construção desse plano de fazer do Acervo um lugar para as pessoas ocuparem realmente, como José Eduardo diz. Então, a Casa 2 é a materialização desse sonho. (Daniele, 2019).*

Daniele expõe sobre uma forma de vida e relacionamento, segundo ela muito importante que acontece no Acervo. A questão do diálogo para a dissolução de conflitos é algo que se realiza com comprometimento e respeito, quando ocorrem dissensos nas relações, é habitual o

sentar e conversar. Acrescenta ainda que o Acervo é muito isso, é o Brasil que se pretende, trabalhar com o Acervo é saber que as coisas serão feitas de forma justa e honesta. *”O Acervo da Laje carrega uma verdade, falar do Acervo é sempre importante e um prazer”*. (Daniele, 2019).

### **Considerações Finais**

O Acervo da Laje desde a abertura de suas portas para visitação, tem recebido pessoas das mais variadas classes sociais, idade e formação, e essa circulação de pessoas favorece o encontro com as diferenças inclusive territoriais, se apresentando também como fator de troca, possibilitando na própria vivência compartilhada o ensino e aprendizagem. As pessoas que tem a oportunidade de participar das oficinas, das rodas de conversa, e de demais atividades que são oferecidas, entendem de maneira abrangente que existem alternativas para a saída de estados extremos de vulnerabilidade; ressignificando o olhar sobre o estigma imposto historicamente, atuando a partir daí como multiplicador das belezas e riquezas que envolvem o território do SFS.

Desempenhando esse papel de disseminar cultura, regando essas sementes nas pessoas, de que elas são capazes, de que é possível, o Acervo da Laje é fundamental para a mudança de vida, mudança do lugar, para desfazer os estigmas de violência arraigados e atribuídos a um único lugar: O SFS ao qual só se vinculam notícias de cunho violento e negativo. Dessa forma, o Acervo da Laje é, hoje, um órgão vital do SFS. O Acervo da Laje, para os artistas, é fundamental para sustentar suas obras, possibilitando visibilidade. É um espaço de saber, único museu do subúrbio, cada vez mais agregando novas pessoas, novos artistas, estimulando os artistas a serem melhores a cada dia.

O encontro com as obras de arte em seu próprio território faz com que as pessoas habitantes do SFS, passem a perceber nesta estética museal, influências e aproximações com suas próprias realidades, impulsionando questionamentos acerca da razão pela qual foram privadas dessa fruição de vida e beleza, que só a arte consegue materializar, este movimento e exposição, aguça a percepção para a potência existente em si, redundando em novas formas de sociabilidade e apreensões objetivas.

Esta experiência nos possibilitou o entendimento apurado do trabalho desenvolvido no Acervo da Laje, o qual atua como mola propulsora de uma práxis educativa libertadora, na medida em que, partindo de sua cultura e memória local, oportuniza a efetiva emancipação política, através das atividades educativas realizadas com a comunidade local, estabelecendo

pontes com a academia, o que possibilita, de maneira complexa, o rompimento com o jugo da opressão, subalternidade e invisibilidade secularmente estabelecidos.

Importante destacar o protagonismo das mulheres, e a força com que elas aparecem nesta pesquisa. Os trabalhos desenvolvidos por elas nas atividades de educação e arte, encarnam de modo singular as dimensões de afeto, cuidado, fraternidade e acolhimento constitutivas do Acervo da Laje. Vale ressaltar que a figura de Vilma Santos, à frente dessa magnífica iniciativa, promove o esforço de rompimento com padrões patriarcais, racistas e sexistas tão em voga na sociedade contemporânea.

De fato, Vilma simboliza justamente a irrupção luminosa da mulher, em especial da mulher negra, nos espaços de cultura, a exemplo dos museus, estando aquela historicamente representada como subalterna e vinculada apenas ao espaço doméstico. Enquanto gestora de um museu-casa-escola, Vilma Santos provoca e se insurge contra um *status quo* instituído que insiste em se perpetuar. O enfrentamento de um padrão cultural de cunho racista e sexista possibilita a re colocação de temas relativos à raça e gênero, como pautas importantes a serem dialogadas nos museus do Brasil, devido à legitimação das diversas formas de violência perpetradas em nosso país. Esse aspecto é passível de ser compreendido a partir do assombro e das resistências provocados pela mera presença e atuação de Vilma Santos como gestora do Acervo da Laje.

Esse caráter desmistificador do Acervo da Laje contribui para a reescrita da história de mulheres negras e da própria comunidade suburbana, com base em um movimento crítico/criador que enfrenta o modelo colonial escravocrata e faz irromper o novo na história, a partir de outro tipo de sociabilidade, da beleza que transborda para além dos modelos hegemônicos, e da abertura de um espaço de bem viver como aspecto vital para a perpetuação da memória.

## Referências

BENJAMIN, W. \_\_\_\_\_. O contador de histórias. Reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov [1936]. In: \_\_\_\_\_. **Linguagem, tradução, literatura; filosofia, teoria e crítica**. Ed. E Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 147-178.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUSSEL, E. **Para uma Ética da Libertação Latino Americana**. Tradução de Luiz João

Gaio, São Paulo: Ed Loyola; Piracicaba-SP: Editora: UNIMEPE, 1977. (Coleção Reflexão Latino-americana, v 2, tomo III, Erótica e Pedagógica).

DUSSEL, ENRIQUE. **20 Tesis de Política**. México: Siglo XXI, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ação Cultural para a Liberdade**. E outros escritos, São Paulo. Ed Paz e Terra, (Coleção O Mundo hoje, v 10) 2010.

MORAIS, Guilherme Augusto Louzada Ferreira de. **O Conceito de Experiência de Walter Benjamin, Análogo às Narrativas heroicas clássicas**. Macapá, v. 7, n. 3, 2º semestre, 2017  
Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>.

MOREIRA. Andreane Pereira. **A MORADA DA BELEZA: EDUCAÇÃO POPULAR, ESTÉTICA E LIBERTAÇÃO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ACERVO DA LAJE**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Campus I. 2020

OLIVEIRA. J.F de. **Acervo da Laje: espaço de visibilidade da arte e da memória produzida no subúrbio Ferroviário de Salvador**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2014.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Arqueologia do Subúrbio Ferroviário: O mundo em uma casa**. Conferência realizada no dia 14 de junho de 2018 no Auditório Mastaba da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, com participação de Federico Calabrese, Ana Carolina Bierrenbach e Glória Cecília Figueiredo. 2018.

WERNECK, Jurema. **Racismo Institucional**. Uma abordagem Conceitual. Geledés – Instituto da Mulher Negra. Ibraphel Gráfica, 2016.